

Cineteatro António Lamoso

24

ABRIL 2022



SINFONIÓNICOS

CELEBRAR A DEMOCRACIA E A LIBERDADE
ORQUESTRA SINFÓNICA DE JOVENS
DE SANTA MARIA DA FEIRA

Programa

Jean Sibelius (1865-1957)

Finlandia, Op. 26

Joly Braga Santos (1924-1988)

Três esboços sinfônicos, Op. 38

Maurice Ravel (1875-1937)

Boléro

Edward Elgar (1857-1934)

Marcha de Pompa e Circunstância nº 1

Notas ao Programa

Celebrar a Democracia e a Liberdade

A comemoração da revolução de 25 de Abril de 1974 é um bom pretexto para se recordar a importância e o valor da Paz e dos Direitos Humanos nas nossas vidas, mas também a necessidade permanente de educar as gerações para o respeito e a defesa destes valores. A Liberdade e a Democracia, conquistadas na sequência da revolução, caracterizam a nossa sociedade e quando as celebramos pretendemos ajudar a consolidar aqueles valores na nossa cultura. É, por isso, importante valorizá-los como factores de desenvolvimento, justiça e proteção das contra as ditaduras. Em muitas ocasiões a música pretendeu defender a Liberdade, a Democracia e a independência dos povos e ajudou a definir a sua identidade e a sua cultura. A música orquestral que ouviremos hoje celebra precisamente a Liberdade e a Democracia através da capacidade de aprofundar sentimentos de pertença colectiva, de despertar a alegria e o sentido humano, além de nos ilustrar também uma metáfora sobre a pluralidade de vozes e opiniões que as sociedades livres e democráticas prezam.

Finlândia: a resistência musical de Sibelius

Em Fevereiro de 1899 o Czar Nicolau II, imperador da Rússia - que então governava o Grão-ducado da Finlândia - emitiu um decreto que tentava restringir a autonomia daquela região. Desagradados, os finlandeses opuseram-se a este decreto e, nos círculos intelectuais, os temas de protesto tornaram-se frequentes. O compositor finlandês Jean Sibelius (1865-1957) quis também aderir aos protestos através da sua arte e escreveu várias obras de carácter nacionalista entre as quais o poema sinfónico *Finlândia*, a mais conhecida.

Logo na sua estreia, em Novembro de 1899, o sucesso da obra foi imenso, tendo-se tornado num símbolo da luta da Finlândia pela independência e, posteriormente, num símbolo do nacionalismo finlandês. Devido ao seu conteúdo e ao sucesso que obteve, a obra foi proibida pela censura russa. Por essa razão a *Finlândia* apareceu frequentemente em concerto sob outros títulos (e até diferentes versões para piano ou coro, por exemplo), por vezes bastante bizarros – como por exemplo, “Felizes Sentimentos ao Acordar da Primavera Finlandesa” - que assim mascaravam a verdadeira obra tocada, e evitavam a proibição da

sua execução.

A música de *Finlândia* é quase sempre empolgada e turbulenta, evocando o heroísmo e a luta dos finlandeses. Sibelius explora várias atmosferas, ora dramáticas, ora militares e triunfais, e perto do final do final da obra introduz a paz solene de um hino patriótico que evoca os desígnios nacionalistas da *Finlândia*. Esta melodia original tornou-se numa espécie de hino não oficial da Finlândia e contribuiu decisivamente para a popularidade desta obra grandiosa e inspirada.

Música de um tempo de incerteza e guerra

Joly Braga Santos foi um importante compositor e maestro português do século XX que deixou um legado musical extenso e de enorme qualidade. Entre as suas obras encontramos sinfonias, óperas, bailados, música para cinema, música de câmara, canções, entre vários outros géneros. A sua vida adulta decorreu essencialmente durante a ditadura do Estado Novo, marcada por um grande isolamento cultural do nosso país em relação ao resto da Europa. Dotado de grande talento, estudou com Luís de Freitas Branco, sob cuja orienta-

ção, entre os 20 e os 27 anos, compôs quatro sinfonias. Só na década de 1960 é que Joly teve oportunidade de usufruir de um período de estudos musicais em Itália e assim contactar com outros universos estéticos e culturais.

Os Três Esboços Sinfónicos Op. 38 datam de 1962 e reflectem precisamente a assimilação dos princípios vanguardistas e assinalam o início de uma segunda fase criativa na sua vida, não deixando de traduzir as incertezas sociais da década de 1960 e do início da guerra colonial. Definitivamente Joly adoptara valores estéticos vanguardistas e alinhados com o modernismo do seu tempo. A linguagem musical desta obra explora por vezes atonalismo e o cromatismo livre. Através da pulsação rítmica da música, o compositor consegue estabelecer atmosferas de grande energia e sentido dramático com um controle crescente de grande efeito. Os Três Esboços Sinfónicos são dedicados ao maestro Silva Pereira (1912-1992), personalidade incontornável da direcção de orquestra do século XX português.

Um simples bailado espanhol...

Maurice Ravel nasceu em 1875, no País Basco francês, ficando para toda a vida ligado a essa região. Filho de um engenheiro que era também um excelente pianista amador, mostrou cedo os seus dotes musicais. Em Paris inscreveu-se no Conservatório aos 14 anos e fez aí os seus estudos musicais destacando-se na composição em que obteve importantes sucessos.

Ravel foi uma personalidade discreta, assumidamente modernista na atitude estética e na maneira de ser. Reservado e de baixa estatura, era um verdadeiro *dandy*, apresentando-se em público sempre muito bem vestido e de acordo com a moda. As suas intervenções públicas eram raras, curtas e extremamente incisivas. Porém contava com a admiração e o afecto do público e especialmente as crianças adoravam-no. Um acidente de automóvel, em 1932, viria a desencadear um processo gradual de degenerescência das suas capacidades físicas e mentais que o levaram à morte em 1937.

na companhia de Ballets Russes de Diaghilev. Em 1927 Ida pediu a Ravel música para um bailado espanhol da sua própria companhia. O compositor decidiu-se por uma composição inédita e quase experimental – *Boléro* - que ele próprio classificou de “uma peça para orquestra sem música”.

O bailado foi coreografado, estreado e dançado por Bronislava Nijinska, em 1928, e a música foi recebida com surpresa e espanto pelo público. O argumento situava o bailado numa estalagem espanhola onde uma cigana tomada pelo ritmo se envolve numa dança interminável à qual se vão juntando progressivamente vinte homens. Alguns críticos foram muito demolidores em relação à música. No entanto a partitura viria a ganhar enorme popularidade ao longo dos anos tornando-se das obras francesas mais tocadas no mundo inteiro.

O ritmo obsessivo e a melodia insinuante desta música, que se vão acumulando ao longo de dezassete repetições, com a inerente provocação, tal como na época da sua composição continuam a seduzir o imaginário e a sensibilidade de cada um dos seus ouvintes.

Não existe outra obra como esta em toda a História da Música. Apenas utiliza uma melodia com dois temas, um ritmo de acompanhamento, uma polifonia que se pode considerar quase rudimentar, um minimalismo tonal – apenas a tonalidade de dó oscilando sempre entre maior e menor, pontuada pelo súbito aparecimento de mi maior – sem desenvolvimentos, apenas com variações tímbricas que originam o crescendo dinâmico. Todos os ingredientes parecem confiar o *Boléro* ao fracasso, porém, a genialidade com que são tratados todos estes limitados elementos e a sua qualidade intrínseca tornam-na empolgante e atractiva.

Pompa e Circunstancia à inglesa

O compositor inglês Edward Elgar deixou-nos cinco famosas marchas orquestrais completas a que chamou “marchas de Pompa e Circunstância”. Embora todas sejam de carácter diferente, a atmosfera musical, em geral, é solene, cheia de dignidade e apropriada à evocação imperial inglesa, sendo também festiva nos casos da 1ª e da 4ª. Estas marchas de grande qualidade musical e orquestral tornaram-se internacionalmente famosas, em

Jorge Castro Ribeiro



Nasceu em Valadares, em 1966.

É licenciado em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa e doutorado em Música (Etnomusicologia) pela Universidade de Aveiro, onde é Professor Auxiliar e Investigador Integrado do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança

Para além de um intenso envolvimento académico de ensino, comunicação e investigação em música, desde há duas décadas que desenvolve atividade pública de divulgação musical, concebendo e apresentando concertos, bem como redigindo notas de programa e outros textos.

Apresenta e dinamiza regularmente concertos sinfónicos comentados. Entre as orquestras com que já colaborou contam-se a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Filarmónica Cidade de Pontevedra, Orquestra de Extremadura, Orquestra Clássica de Espinho,

Orquestra do Algarve / Clássica do Sul, Orquestra do Norte, Orquestra Filarmonia das Beiras, Drumming – GP, Orquestra ARTAVE, Orquestra ESART, Orquestra Sinfónica da ESMAE, Arte Sinfónica, Banda Sinfónica Portuguesa, Orquestra Fundação Estúdio de Guimarães, entre outras. Colaborou com mais de 30 maestros e fez a narração de diversas obras musicais, algumas das quais com texto original de sua autoria (Guia da Orquestra para Jovens de Benjamin Britten, Shehrazade de Rinsky-Korsakov, O Elefante Babar de Francis Poulenc, O Gato das Botas de Vasco Negreiros, Moon Chunks de Sara Carvalho, O Carnaval dos Animais de Camille Saint Saens, Pedro e o Lobo de Sergei Prokofiev, Os Planetas de Gustav Holst, O Super-Barbeiro adaptação de As Bodas de Fígaro de Mozart, entre muitas outras).

Entre 2005 e 2014 foi Diretor Artístico, concebeu e apresentou os Concertos Promenade do Coliseu do Porto, preenchidos com música sinfónica e dirigidos a famílias.

Desde 2002 que colabora anualmente com a Associação Musical das Beiras / Orquestra Filarmonia das Beiras, desenhando e apresentando o projeto “Música na Escola” que promove dezenas de concertos didáticos dirigidos às populações do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico com sessões pedagógicas e Concertos de Família.

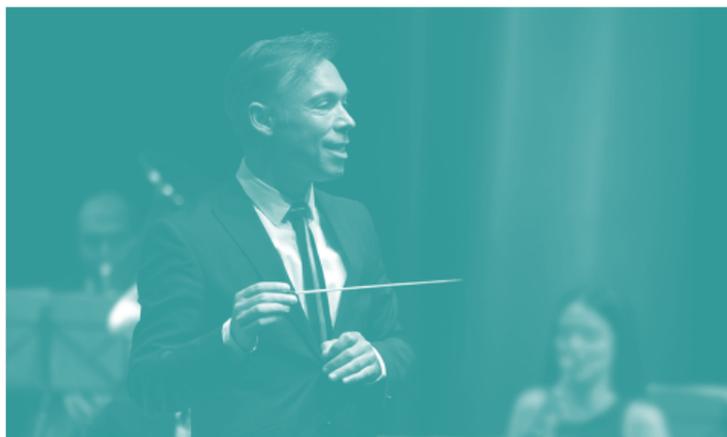
Desde a década de 2000 colaborou diversas vezes com as Orquestras das Escolas Profissionais de Música de Espinho e de Viana do Castelo,

preparando conteúdos explicativos e apresentando concertos pedagógicos. Desde 2015 que concebe e apresenta os Concertos Promenade da Casa das Artes de Famalicão, série de 5 concertos anuais.

Participou na estreia e gravação da obra sinfónica com narração O Gato das Botas do compositor Vasco Negreiros.

É investigador integrado e membro do Conselho Científico do INET-md (Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos de Música e Dança). No âmbito científico, tem publicados trabalhos, ensaios e gravações etnomusicológicas em Portugal, Espanha, França, Reino Unido, Brasil, Argentina, Estados Unidos e Canadá. Participa regularmente em conferências a nível nacional e internacional (Espanha, França, Reino Unido, Alemanha, Brasil, Estados Unidos, África do Sul, Moçambique).

Paulo Martins



Teve como primeiro instrumento o Saxofone, prosseguindo os seus estudos em Fagote com o professor Hugues Kesteman, na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE) e na Alemanha, obtendo o curso de solista e o mestrado em performance na classe do Prof. Gunter Pfitzenmaier na “Hochschule für Musik Karlsruhe” (Alemanha), ambos com a máxima classificação. Foi premiado em diversos concursos e apresentou-se a solo com a Orquestra e Banda de Jovens de Santa Maria da Feira, Orquestra Sinfonieta, Orquestra ARTAVE, Orquestra de Câmara da Staatliche Hochschule für Musik Karlsruhe (Alemanha), e integrou várias Orquestras das quais se destaca a participação regular com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Estudou direção de orquestra com o maestro Osvaldo Ferreira, Ernest Schelle, Eugene Corporon e Jorma Panula e em 2007 obteve o mestrado em direção com o conceituado maestro Jan Cober no Conservatório de Maastricht (Holanda), igualmente com distinção.

Tem vindo a orientar master classes e dirigir algumas orquestras e bandas em Portugal, Espanha, Argentina, Brasil entre outros. Como maestro, foi galardoado em diversos concursos: Certamen Internacional de Bandas de Música de Valencia em 2002, 2005 e 2010; Concurso Internacional de Bandas – Ateneu Artístico Vilafranquense na 2.a, 4.a e 5.a edição (todos com o 1.º prémio); Certamen Internacional de Bandas de Música Vila d’Altea em 2006, 2007 e 2014, tendo arrecadado a Batuta de Ouro; Concurso de Bandas Filarmónicas de Braga, 2017 com 1.º prémio e “Batuta de Prata”. Integrou o júri dos concursos: ‘Prémio Jovens Músicos’ da RDP; “I Certamen Nacional de Bandas de Música D’Almàssera” em Valencia; “Certamen Internacional de Bandas de Música – Cidade de Valencia” e em 2016 presidiu o júri do “Certamen Internacinal de Bandas de Altea”.

É professor no CM do Porto, Diretor Artístico da Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens do Concelho de Santa Maria da Feira, da ARMAB e da Academia Portuguesa de Banda (APB).

Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira



O projeto da Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira surgiu em 1994, reunindo os jovens músicos do Concelho para “Estágios de Verão”. A partir de 1997, resultado do esforço conjunto da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e das escolas oficiais de música do Concelho, este projeto adquiriu um caráter mais permanente, nomeadamente com a sua formação de Orquestra. A direção artística do projeto ficou, então, sob a alçada do Maestro Osvaldo Ferreira que, de 1997 até 2004, foi o principal responsável pela implementação e desenvolvimento deste projeto musical. Em 1998 foi criada uma nova formação musical, a Banda Sinfónica, tendo sido convidado para integrar a direção deste projeto o professor Paulo Martins, que, desde 1998 até 2004, assumiu as funções de Maestro Assistente da Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira.

No ano de 2004, a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira juntou-se ao Conservatório de Música de Fornos, às Academias de Música de Santa Maria da Feira e de Paços de Brandão e às Bandas Filarmónicas do Concelho, para formalizarem a constituição da Associação Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira, cujo propósito é o desenvolvimento da música no Concelho de Santa Maria da Feira e a gestão artística deste projeto.

Enquanto projeto musical, a Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira contou, desde o início, com a experiência formativa de diversos maestros nacionais e estrangeiros, tais como: Carlos Fontes, Leonardo Barros, Ivo Cruz, Sokhiev Tugan, Joana Carneiro, Cesário Costa, Ernest Schelle, José Pascual Vilaplana e Jan Cober, António Saiote, Teodoro Aparício Barberán, Rafael Garrigos. Atualmente, a direção artística do projeto está sob a responsabilidade do Maestro Paulo Martins.

A qualidade e o entusiasmo demonstrados pela Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira já a levaram a atuar em diferentes pontos do país e no estrangeiro, nomeadamente:

- Joué-Lès-Tours, França, 1999, Geminação “L’Années Joués”;
- Alicante, Ocãna e Aranjuez, Espanha, 2000;
- Alessandria, Génova e Asti, Itália, 2001;
- Valência, Espanha, 2002, 2.º Lugar na 2.ª Secção do Certamen Internacional de Bandas de Musica “Ciudad de Valencia”;
- Targovishte, Bulgária, 2002, Geminação;

- Roma, Pontedera, Itália, 2003, Festival “7Sois 7Luas”;
- Valencia, Espanha, 2005, 3.º Lugar na 1.ª Secção do Certamen Internacional de Bandas de Valência;
- Altea, Espanha, 2006, 1.ª Prémio na Secção Sinfónica do Certamen Internacional de Bandes de Musica Vila d’Altea;
- Erbach e Aalen, Alemanha, 2009.

Mercê da sua qualidade artística, este projeto musical e cultural tem conseguido angariar apoios a nível institucional, através do Ministério da Cultura, do Instituto das Artes e da Delegação Regional de Cultura do Norte e da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

Músicos

Violinos

Francisco Pinto
Raquel Almeida
Beatriz Rios
Ana Melo
Joana Rebelo
Rafael Moreira
Daniela Abreu
Joana Costa
Gustavo Gonçalves
Isa Leite
Beatriz Abreu
Joana Marques
Luísa Margalho
Matilde Margalho
Gabriela Correia
Mariana Covas
Pedro Gil
Miguel Martins

Violas

Maria Silva
Marlene Patrício
Diana Moreira
Beatriz Cruz

Violoncelos

Joana Teixeira
Sónia Torres
Joana Silva
Catarina Mendes Silva
Micaela Ribeiro
Carolina Sousa
Maria Paula Carvalho

Contrabaixos

Gonçalo Moreira
Miguel Patrão
Pedro Levandeira

Flauta Transversal

Sara Silva
Ana Clara Sousa
Tiago Barros

Oboé

Andreia Pereira
Andreia Castro

Clarinete

Catarina Rebelo
Volodymyr Deyneka

Fagote

Bernardo Dias
Rui Oliveira

Saxofone Soprano

Sara Pais

Saxofone Tenor

Raquel Castro

Trompa

Dorottya Vig
Rui Ribeiro
Cristiano Pinho
Pedro Monteiro

Trompete

Marco Silva

Marcelo Brandão

Mariana Soares

Trombone

Renato Reis

Rafael Soares

Fábio Matos

Tuba

Pedro Mota

Percussão

Daniel Moreira

Rui Melo

Pedro Castro

Sandro Coelho

Piano

Sofia Pais

Harpa

Catarina Malcata

Rebelo

Ficha Técnica

Direção Musical |

Maestro

Paulo Martins

Diretor Artístico |

Apresentação

Jorge Castro Ribeiro

Produção

Associação Orquestra
e Banda Sinfónica
de Jovens de Santa
Maria da Feira
Câmara Municipal
de Santa Maria
da Feira

Coordenação

Artística

Catarina Rebelo

Coordenação Técnica

Telma Luís

Design

Estrela Silva

Conteúdos

Multimédia

Nuno Seabra

Técnico de Luz

Carlos Vieira

Técnico de Som

António Carlos
Ferreira

Diretor de Cena

Miguel Ferreira

Fotografia

César Coriolano

Projeções

Multimédia

Cineteatro António
Lamoso

Apoio Multimédia

Micael Nogueira

